

SÓ CARIOQUICES

por FRED SOARES (@FREDAOSOARES)

Imagem criada com a IA Nano Banana



Futebol e música: parceria brasileira com toque carioca

ESTA COLUNA NÃO NASCEU PARA INFORMAR. Surgiu para lembrar que o Brasil, às vezes, não se explica, simplesmente acontece. E o Rio de Janeiro é desses lugares em que a notícia pode vir em forma de música, de pintura, de cinema, de bola e até de camisa. Na última segunda-feira à noite, o Conselho Deliberativo do Flamengo aprovou a coleção de uniformes de 2027. Entre eles, um terceiro modelo que não é apenas peça esportiva: é uma ode à memória musical brasileira e carioca.

UMA HOMENAGEM À TROPICÁLIA, representada pela capa psicodélica do álbum “Jorge Ben” (1969) — um objeto que já parecia escapar do tempo. Ali, nada é neutro. O preto predominante no uniforme é a cor da pele da maioria dos torcedores. Estampado nele, o escudo surge em rosa intenso, quase como se quisesse chocar. As listras seguem o mesmo caminho. E os detalhes - gola e punhos - vêm tomados por flores tropicais em amarelos, azuis e laranjas, tão psicodélicos quanto o design que lhe inspirou. Nas costas, uma frase direta: Sou Flamengo. Sem adjetivo. Sem legenda. Só pertencimento.

O FUTEBOL CARIOCA SEMPRE TEVE ESSA VOCAÇÃO rara de misturar mundos: campo e rua, arquibancada e esquina, bola e música. O Fluminense já encostou nisso quando aproximou suas cores da Mangueira e de Cartola. Mas não se trata apenas de homenagem. Cartola escolheu o verde e rosa como quem reconhece uma paisagem que já existia antes dele. Depois, devolveu isso ao futebol em forma de música. Não há hierarquia nesse vai-e-vem. O Vasco também participa dessa circulação. Em 2021, lançou uma camisa inspirada em “Timoneiro”, de Paulinho da Viola.

MAS A VERDADE É QUE PAULINHO não entra no clube por homenagem: ele já estava ali antes, como parte de uma estética de sobriedade e precisão que parece conversar com São Januário. E há sempre o que ainda não aconteceu, mas já está sugerido no ar. O Botafogo, por exemplo, carrega essas possibilidades como quem guarda histórias futuras: Beth Carvalho, por exemplo. Quando o olhar sai do Rio, o mesmo movimento aparece com outros sotaques. No Rio Grande do Sul, Lupicínio Rodrigues não é apenas lembrado pelo Grêmio. Ele é estrutura. O hino é uma das obras-primas do inesquecível compositor gaúcho. No Recife, Ariano Suassuna atravessa o Sport como referência de narrativa. Um clube que também é história contada, exagerada, reinventada, como toda boa história popular. E há ainda as conexões que vivem melhor na conversa do que no registro. Chico Science e Santa Cruz, Recife e mangue, torcida e som.

ALGUMAS LIGAÇÕES NÃO PRECISAM DE DOCUMENTO. O Brasil inteiro parece funcionar assim: um grande sistema de trocas entre música, imagem, memória e futebol. Onde artistas viram referência de clube, e clubes viram extensão de imaginário. O Flamengo, ao vestir a psicodelia de “Jorge Ben” e a energia tropicalista, apenas reconhece isso: que o uniforme nunca foi só uniforme. É instrumento de linguagem. É lugar onde o país se escreve sem precisar se explicar demais. E no Rio de Janeiro, esse território onde tudo se cruza com tudo, o futebol segue sendo uma das formas mais diretas de dizer o Brasil sem precisar traduzir.



Divulgação

O violão de Sérgio Santos e o clarinete de Nailor Proveta formam a espinha dorsal de ‘Todo Samba’, trabalho que eleva a dimensão harmônica do gênero

Um artista com o dom de colecionar (os melhores) parceiros

Sergio Santos celebra 70 anos com álbum que traz Leila Pinheiro, Maíra Manga e orquestra estoniana



Divulgação

AFFONSO NUNES

Sergio Santos chega aos 70 anos com uma celebração digna de sua interessantíssima discografia: um álbum inteiramente dedicado ao samba, com algo mais. “Todo Samba”, que chega às plataformas digitais nesta sexta-feira (15) pela Biscoito Fino, reúne 13 canções inéditas e traz colaborações que comprovam que ter parceiros de qualidade é um dom deste compositor, violonista, cantor e arranjador mineiro. Este repórter, que admira o artista desde o irretocável “Áfrico” (2004), um manifesto vivo desta riqueza que é a afrobrasilidade, ouviu o novo álbum e é testemunha de seu imenso valor para a canção popular.

O trabalho nasce com fina conversa musical entre Santos e o clarinetista, compositor e arranjador Nailor Proveta em todo o álbum.

Proveta, mestre reconhecido na linguagem do samba e do choro costura cada faixa com o que Santos definiu como o “veludo inconfundível de seu clarinete”, improvisando com gosto por todo o trabalho.

Mas há mais. Paulo César Pinheiro, o parceiro mais frequente de Santos, preserva essa condição. A dupla já compôs mais de 300 canções numa cumplicidade de décadas. Em “Todo Samba”, essa sinergia aparece em composições como “Trate Bem Seu Bem”, “Inquietude”, “Retato do Rio”, “Ordem do Rei” e a faixa-título.

A participação de Francis Hime, compositor e arranjador de sofisticação rara, aparece em “Serenadas Pedras”, onde divide a autoria da melodia com Sergio. Hime, que também assina arranjos no disco, traz a sua refinada linguagem harmônica para o projeto. Sua presença, junto com a de sua esposa Olivia Hime — que assina a letra da faixa e a interpreta com sua conhecida sensibilidade.

Outras vozes femininas ganham destaque especial no álbum. Leila

Pinheiro, “magnífica” segundo as palavras do próprio Sergio, divide vocais em “Inquietude”. Maíra Manga, jovem cantora mineira talentosíssima, participa de “Trate Bem Seu Bem”. “A presença feminina surgiu naturalmente, e creio que pode ter acontecido pelo quanto eu admiro essas vozes. A sensibilidade feminina sempre me chamou muito a atenção, e é curioso que no disco surjam de forma tão marcante as vozes de diferentes gerações, com personalidades artísticas tão definidas.”

Mas a novidade mais surpreendente vem de fora do Brasil. A Tallinn Studio Orchestra, orquestra de 24 músicos da Estônia, participa em quatro faixas do álbum. A partir de arranjos de Sergio Santos, os músicos estonianos foram apresentados ao samba, ampliando a sonoridade do projeto além do formato intimista de voz, violão e clarinete.

Há também a estreia de uma parceria: Santos trabalha pela primeira vez com o escritor e poeta Marçílio Godói, que assina letras no disco.

O álbum reflete uma filosofia que Sergio articula com clareza: o samba é “matriz” da música brasileira, mas não é um “riacho estreito” — é um “rio imenso e navegável, repleto de afluentes e bifurcações”. Cada canção em “Todo Samba” foi construída a seu modo, evitando jargões melódicos.

“Todo Samba” é, portanto, um retrato de como um compositor trabalha em seu melhor: cercado de gente que o entende, que o desafia, que o complementa.